

Jeep, lápide de JK e arca rememoram a história da cidade

O Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal inaugura hoje a mostra Memorial de Brasília, onde a maior atração é o primeiro carro a trafegar pela área onde se ergueria a mais monumental construção da arquitetura moderna mundial. O jeep Willys 1951 transportou o presidente Juscelino Kubitschek e por ter sido trazido para o inóspito cerrado ganhou o apelido de Maracangalha, numa referência à música que fazia sucesso à época.

O prédio do IHGDF, com a forma de uma estrela do mar cheia de pontas, tenta superar o abandono mas ainda está cercado pelo mato-gal. A exposição pretende iniciar nova fase deste Instituto criado em 1967 e que tem um organograma semelhante ao das academias de letras — os membros são vitalícios, escolhidos em lista tríplice e devem ser ligados a estudos e pesquisas em história ou geografia.

O presidente da entidade, Adirson Vasconcelos, explica que a exposição está dividida em três módulos, o primeiro destacando transparências de reportagens sobre os movimentos iniciais para a construção da capital do País no interior do território, desde os anseios de Tiradentes em seus sonhos de um Brasil republicano. Desta etapa, uma arca que ajudou a transportar as bagagens da missão Cruls, em 1892, é a peça de maior destaque.

A segunda parte expõe fotos da construção de Brasília e de sua inauguração. Além do velho Jeep, a lápide mortuária do túmulo de Juscelino Kubitschek antes de ser transportado ao Memorial JK.

Um salto na história leva ao terceiro módulo da exposição, com fotos coloridas da Brasília atual, a modernidade presente nos barcos multicóres no Lago Paranoá, a cidade em movimento, a vida por entre as estruturas de concreto de Oscar Niemeyer. Todos os documentos ficarão expostos no Salão principal do prédio do Instituto Histórico e Geográfico, um grande círculo com paredes envidraçadas, rente ao solo.

A cidade vai ganhar também, às vésperas de seu aniversário, uma biblioteca com acervo exclusivo sobre a história de sua construção e pesquisas que a ela se refiram. Com um acervo inicial de 1.000 obras, inclusive as escritas por Adirson Vasconcelos, um dos mais assíduos estudiosos da história de Brasília.